



Fonte: Firjan



SIQUIRJ
INFORMA

Nº 224

Out 2020

Eduardo Eugenio discursou em sua posse, no último dia 14, na Firjan

Em discurso de posse, Eduardo Eugenio afirma: 'O Rio tem jeito!'

Em solenidade, no último dia 14 de outubro, ocorreu a posse das diretorias da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) e do Conselho Industrial do Rio de Janeiro (CIRJ) para o período 2020-2024. Presidente das duas instituições, Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira reafirmou em seu discurso "que o estado do Rio de Janeiro tem jeito!".

O presidente da federação foi enfático ao afirmar que o "O Rio tem jeito!". Ele citou os pilares do "Programa de Retomada da Economia do Estado do Rio de Janeiro em bases competitivas", apresentado em junho. O programa pede a aprovação urgente da lei do gás, em tramitação no Senado Federal; a manutenção dos vetos na lei que estabeleceu o marco do saneamento, permitindo a venda de empresas estaduais; a implementação das parcerias público-privadas e do cluster tecnológico naval no estado fluminense.

Lembrou também do Programa Resiliência Produtiva, conjunto de propostas criadas pela federação em tempo recorde para o enfrentamento da pandemia nos âmbitos municipal, estadual e federal: "Oitenta por cento delas já foram atendidas pelo governo!".

Eduardo Eugenio destacou a necessidade de se investir no combate ao crime organizado e na recomposição das finanças públicas do estado. Dois pilares de políticas públicas importantes para devolver ao Rio de Janeiro a capacidade de crescimento e de geração de emprego e renda para a população fluminense.

No âmbito nacional, o presidente da Firjan lembrou as ações adotadas pelo governo federal no combate à pandemia do novo coronavírus como a flexibilização de regras trabalhistas, programas de crédito e financiamento para as pequenas e médias empresas, garantindo a atividade das indústrias e evitando o desabastecimento.

Fonte: Firjan

68% das indústrias estão com dificuldades para obter insumos no Brasil

A indústria brasileira passa agora pelo segundo efeito da pandemia do Covid-19. O primeiro paralisou a produção. No segundo, faltam estoques, insumos e matérias-primas. É o que mostra sondagem especial da Confederação Nacional da Indústria (CNI). De acordo com a pesquisa, 68% das empresas consultadas estão com dificuldades para obter insumos ou matérias-primas no mercado doméstico e 56% das empresas que utilizam insumos importados regularmente, com dificuldades em adquiri-los no mercado internacional.

Além disso, 82% perceberam alta nos preços, sendo que 31% falam em alta acentuada. A pesquisa contou com a participação de 1.855 empresas, entre 1º e 14 de outubro, em 27 setores das indústrias de transformação e extrativa. O presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, explica

que as empresas optaram por reduzir os estoques para enfrentar a forte queda no faturamento e o difícil acesso ao capital de giro nos primeiros meses da crise.

Segundo Andrade, a economia reagiu em uma velocidade acima da esperada. Assim, tivemos um descompasso entre a oferta e a procura de insumos. E tanto produtores quanto fornecedores estavam com os estoques baixos. No auge da crise, vimos a desmobilização das cadeias produtivas e baixos estoques. Além disso, temos a forte desvalorização do real, que contribuiu para o aumento do preço dos insumos importados.

A pesquisa mostra que 44% das empresas consultadas afirmam que estão com problemas para atender os clientes. Essas empresas apontam entre as principais razões para a dificuldade de atendimento a falta de estoques, apontada por 47% das empresas, demanda maior que a capacidade de produção, com 41% e incapacidade de aumentar a produção, com 38%.

Do total de empresas que não conseguem aumentar a produção, 76% alegam que não conseguem ampliar a

produção pela falta de insumos. E o problema deve durar pelo menos mais três meses. Mais da metade, 55% das empresas, acreditam que a capacidade de atender os clientes se normalizará apenas em 2021. A percepção sobre o mercado de insumos é menos otimista. Entre os entrevistados, 73% acreditam que só deve melhorar apenas em 2021.

Em 10 dos 27 setores considerados, ao menos metade das empresas está com dificuldades para atender a demanda. Os percentuais de empresas que encontram dificuldades para atender os clientes são maiores nos setores Móveis (70%), Têxteis (65%) e Produtos de material plástico (62%).

A situação é mais grave entre as empresas de pequeno porte. Nesse segmento, 70% foram afetadas pela falta de insumos ante 66% nas grandes. Além disso, o percentual de empresas menores que afirmam enfrentar muita dificuldade é maior, alcançando 28% entre as pequenas empresas e 27% entre as médias.

Fonte: Agência CNI de Notícias

Déficit em produtos químicos é de US\$ 30 bi nos últimos 12 meses

O Brasil importou US\$ 3,7 bilhões em produtos químicos no mês de setembro, valor que representa considerável aumento de 10,2% em relação ao mês de agosto, ao passo que o valor exportado, de US\$ 871,4 milhões, apontou apenas um leve aumento de 1,5%. Os produtos químicos mais importados foram os intermediários para fertilizantes, cujas compras externas totalizaram US\$ 716,7 milhões no mês, aumento de 11,1% contra o mês imediatamente anterior. Já as mercadorias mais exportadas foram as resinas termoplásticas com vendas de US\$ 103,5 milhões, redução de 13,4% contra agosto e de expressivos 23,1% na comparação com setembro do ano passado.

No acumulado do ano, as compras de produtos químicos vindos do exterior somam US\$ 30,3 bilhões, um recuo de 9% frente ao mesmo período de 2019, enquanto as vendas para o estrangeiro totalizaram US\$ 8,3 bilhões, valor 14,8% abaixo do que o registrado entre janeiro e setembro de 2019. Em quantidades físicas, porém, as importações, até setembro, são recorde e superam 37 milhões de toneladas, aumento de 6,9% em relação ao igual período do ano passado. No contexto das fortes retrações dos preços médios dos produtos transacionados entre o Brasil e o mundo, deslocando os produtos nacionais tanto no mercado interno quanto no cenário internacional, o déficit na balança comercial de produtos químicos, até setembro, chegou a US\$ 22 bilhões, valor 6,7% menor do que

em igual período de 2019.

Já nos últimos 12 meses, o déficit já atingiu US\$ 30 bilhões, validando mês após mês as expectativas de que, apesar dos graves impactos econômicos da pandemia de Covid-19, o indicador não deverá, até o final do ano, ser muito aquém daqueles resultados dos últimos anos, de saldos negativos de US\$ 29,6 bilhões, em 2018, e de US\$ 31,6 bilhões, em 2019.

Para o presidente-executivo da Abiquim, Ciro Marino, a recente recuperação da atividade econômica trouxe alívio ao setor e sinaliza que o 'fundo do poço' parece realmente ter ficado para trás, mas a conjuntura ainda é delicada e exige soluções em pautas críticas para o setor químico. "Caso alguns desafios competitivos consigam ser superados rapidamente, como a regulamentação do novo mercado do Gás e o reequilíbrio da agenda internacional, com políticas comerciais alicerçadas em facilitação de comércio, cooperação internacional, competitividade e segurança jurídica do sistema de defesa comercial, temos todo o potencial para, já no curto prazo, ampliar a utilização da capacidade instalada e seguirmos mantendo a garantia de total disponibilidade de atendimento da demanda interna com fabricação nacional e de colocarmos o Brasil em uma posição favorável para atração de investimentos externos nesse momento de reavaliação de grandes economias sobre seus interesses geopolíticos em relação à produção e consumo de bens nas cadeias de valor", destaca Marino.

Fonte: Abiquim

Mercado financeiro eleva projeção da inflação para 2,99%

A previsão do mercado financeiro para o IPCA deste ano subiu de 2,65% para 2,99%. A estimativa está no boletim Focus de hoje (26), publicação divulgada todas as semanas pelo Banco Central (BC) com a projeção para os principais indicadores econômicos.

Para 2021, a estimativa de inflação subiu de 3,02% para 3,10%. A previsão para 2022 e 2023 não teve alteração: 3,50% e 3,25%, respectivamente.

O cálculo para 2020 está acima do piso da meta de inflação que deve ser perseguida pelo BC. Essa meta, definida pelo Conselho Monetário Nacional, é de 4% em 2020, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo. Ou seja, o limite inferior é 2,5% e o superior, 5,5%.

Para 2021, a meta é 3,75%, para 2022, 3,50%, e para 2023, 3,25%, com intervalo de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo em cada ano.

Para alcançar a meta de inflação, o BC usa como principal instrumento a taxa básica de juros, a Selic, estabelecida atualmente em 2% ao ano pelo Copom do BC.

Para o mercado financeiro, a expectativa é que a Selic encerre 2020 em 2% ao ano. Para o fim de 2021, a expectativa é que a taxa básica chegue a 2,75% ao ano. Para o fim de 2022, a previsão é 4,5% ao ano e para o final de 2023, 6% ao ano.

Quando o Copom reduz a Selic, a tendência é que o crédito fique mais barato, com incentivo à produção e ao consumo, reduzindo o controle da inflação e estimulando a atividade econômica. Entretanto, os bancos consideram outros fatores na hora de definir os juros cobrados dos consumidores, como risco de inadimplência, lucro e despesas administrativas.

Quando o Copom aumenta a taxa básica de juros o objetivo é conter a demanda aquecida, e isso causa reflexos nos preços porque os juros mais altos encarecem o crédito e estimulam a poupança.

As instituições financeiras consultadas pelo BC ajustaram a projeção para a queda da economia brasileira este ano de 5% para 4,81%. Para o próximo ano, a expectativa para o PIB é de crescimento de 3,42%. Em 2022 e 2023, o mercado financeiro continua projetando expansão do PIB em 2,50%.

A previsão para a cotação do dólar é encerrar o ano em R\$ 5,40. Para o fim de 2021, a expectativa é que a moeda americana fique em R\$ 5,20.

Fonte: Agência Brasil

Siquirj

Sindicato da Indústria de Produtos Químicos para Fins Industriais do Estado do Rio de Janeiro

Filiado à FIRJAN

Av. Calógeras, nº 15 - 12º andar
Centro - Rio de Janeiro - RJ
CEP 20030-070
Tel.: (21) 2220-8424
e-mail: siquirj@siquirj.com.br
home page: www.siquirj.com.br

Diretoria - 2020/2024

Diretoria

Isaac Plachta (Presidente)
Carlos Roberto da Silva (Vice-presidente)
Nicolau Pires Lages (Secretário)
Paul Antoine Maron Gédéon (Tesoureiro)

Suplentes

Wagner Luiz Rodrigues de Sá
Nélio Augusto Manhães Rodrigues
Roberto Pinho Dias Garcia

Conselho Fiscal

Efetivos

Ciro Alves
Paulo Hugo Silva Ramos Junior
Angelo José Brazil Ferreira

Suplentes

Alexandre Fagundes de Mattos
Larissa Arias
Jorge Luiz Cruz Monteiro

Delegados Representantes junto à Firjan

Efetivos

Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira
Carlos Mariani Bittencourt

Suplentes

Isaac Plachta
Roberto Pinho Dias Garcia